

## Ô abre alas que elas podem reger: uma pesquisa sobre a inserção da mulher na função de regente de banda marcial no projeto de bandas na cidade de João Pessoa (PB)

### Comunicação

*Laizime da Silva Fontes*  
*Universidade Federal de Pernambuco*  
*laisfontes@hotmail.com*

**Resumo:** Atualmente é comum vermos mulheres exercendo diversas funções na sociedade, diferentemente de épocas passadas em que seu papel não passava de esposa dedicada ou filha exemplar. No entanto podemos mencionar Chiquinha Gonzaga que foi uma mulher à frente de seu tempo, enfrentando muitas barreiras. No contexto musical, não conseguimos visualizar muitas mulheres exercendo a função de regente de banda marcial, ao inverso da figura masculina. Portanto, essa comunicação é um recorte de uma pesquisa qualitativa para uma monografia apresentada no curso de licenciatura em música na Universidade Federal da Paraíba (FONTES, 2019), cujo objetivo foi compreender como se dá a inserção da mulher na regência de bandas marciais escolares do projeto de bandas da rede municipal de João Pessoa (PB), segundo a concepção de duas regentes. Portanto para obter dados sobre a história de vida dessas regentes foram utilizadas entrevistas narrativas, norteadas pela discussão de Flick (2004) e entrevistas semiestruturadas. Assim, as regentes relataram suas percepções e experiências durante o período em que exerceram a função de regente de banda marcial bem como a forma de ingresso no projeto. Os dados analisados mostram as transformações na forma de ingresso de professores no projeto, as questões que envolvem a atividade de regente e as manifestações de preconceito por parte de muitos da escola, da antiga gestão do projeto e da sociedade como um todo. Acreditamos que este estudo possa contribuir para a área de pesquisa em educação musical, sendo mais uma referência para que o assunto abordado seja mais discutido.

**Palavras-chave:** Regente feminina. Banda marcial. Relações de gênero.

### Introdução

Consideramos que a música possui um papel importante no desenvolvimento dos seres humanos, pois promove a interação, o raciocínio, a expressividade e aumenta a concentração. A banda tem sido considerada um espaço de interação e de oportunidades para

um aprendizado musical, além de desenvolver funções sociais, como abordam Penna e colaboradores: “Com forte presença a partir do século XIX, as bandas têm desempenhado diversas funções na sociedade brasileira” (PENNA et al, 2016, p. 46). Um dos meios que as escolas encontraram para trabalhar a música com os alunos foi a banda marcial<sup>1</sup>, importante no tocante ao desenvolvimento dos alunos participantes

[...] o papel desempenhado pelas bandas é bastante importante no ensino aprendizagem musical. Utilizando o ensino de instrumento como ferramenta principal para o desenvolvimento musical do indivíduo, as bandas estão inseridas em diversos contextos e a interação com a comunidade é bem maior em relação a outros grupos. (NOBREGA, 2018, p. 41).

Nas escolas municipais de João Pessoa (PB)<sup>2</sup>, podemos constatar a existência de várias bandas marciais que trabalham a música, desde a teoria musical até a performance instrumental. As escolas do município de João Pessoa ofertam esse aprendizado musical através do projeto de bandas pertencente à secretaria de educação e cultura. O projeto foi criado com o objetivo de diminuir a evasão escolar, proporcionando aulas de música extracurriculares na tentativa de atrair o aluno e fazer com que o mesmo permanecesse nos estudos. O projeto abrange mais de 90 escolas do município e, no que se refere às bandas marciais, é importante para este estudo fazermos uma comparação entre o número de homens e mulheres que desenvolvem a função de regente. Segundo o coordenador,

*Nós temos 92 professores regentes, porém nós temos 5 mulheres que são professoras, são regentes das bandas marciais. Dessas 5 professoras, 4 possuem a formação superior e 1 está cursando a licenciatura em música na Universidade Federal da Paraíba<sup>3</sup>. (Entrevista com o coordenador, em 28 de ago. 2019).*

Como podemos constatar, o número de mulheres é bem inferior ao dos homens, pois o projeto conta com 5 mulheres para 87 homens. Esses números mostram, à época da pesquisa, em 2019, que a participação da mulher é concreta, porém com uma proporção bem

---

<sup>1</sup> “Então, banda marcial é a banda de música que marcha” (ADAM, 2017, p. 3).

<sup>2</sup> A partir deste ponto do texto sempre que aparecer o nome da cidade, entende-se que o estado é o mesmo já descrito anteriormente.

<sup>3</sup> Todos os trechos de entrevistas utilizados nesta pesquisa estarão no formato itálico para diferenciá-las das bibliográficas.

menor. Contudo, vislumbramos que as mulheres, mesmo em menor número, estão conquistando espaços, quebrando obstáculos, enfrentando padrões estruturais da sociedade e mostrando que elas podem e têm capacidade de realizar, com sucesso, a função de regente de bandas marciais tanto quanto os homens.

Iniciei minha carreira musical na banda marcial da Escola Técnica Federal da Paraíba na cidade de João Pessoa. A partir dessa experiência, pude estudar em um curso livre de música na Unicamp no qual obtive os primeiros passos na teoria e prática musical, alcançando o ingresso, após alguns anos, no curso de música na Universidade Federal da Paraíba. No término do curso superior, tive a oportunidade de realizar um processo seletivo para fazer parte do corpo de regentes do projeto de bandas do município de João Pessoa, no qual fui a primeira mulher a ser regente de banda marcial da cidade. Desta forma pude perceber a importância de trazer à discussão um tema bastante importante sobre a questão da quantidade de mulheres regentes de banda marcial. Como se dá a formação musical dessas regentes? Como ocorre o ingresso das mesmas no projeto? Quais as dificuldades que elas enfrentam no exercício da função com relação ao preconceito? E como essas regentes enxergam a mulher à frente de um grupo musical que tradicionalmente eram guiados apenas por homens?

Portanto, esta comunicação é um recorte de uma pesquisa qualitativa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Programa de Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba<sup>4</sup>, cujo objetivo foi “Compreender como se dá a inserção da mulher na regência de bandas marciais escolares do projeto de bandas da rede municipal de João Pessoa, segundo a concepção de duas regentes”. (FONTES, 2019, p. 13). Assim, os objetivos específicos foram definidos desta forma: caracterizar o projeto de bandas marciais escolares da rede municipal de João Pessoa; analisar o processo de formação musical das regentes até seu ingresso na direção das bandas; identificar as dificuldades enfrentadas pelas regentes no desempenho de sua função. (FONTES, 2019, p. 13).

---

<sup>4</sup> A presente pesquisa foi orientada pela professora Dra. Maura Penna, sendo aprovada em 03/10/2019.

## Metodologia

A pesquisa trabalhou com fontes bibliográficas, entrevistas narrativas e entrevistas semiestruturadas. As fontes bibliográficas consistiram em materiais que abordam o tema em questão, ou seja, em estudos de livros, artigos, monografias e dissertações de áreas da Educação Musical, da Sociologia, da Psicologia, da História e da Biologia, que serviram para fundamentar a pesquisa e contribuir para a compreensão do assunto abordado. Desta forma, está intrínseco nesta pesquisa um estudo em vários pontos relacionados, como a questão do gênero no aspecto da igualdade social, do contexto social do país em séculos passados e nos dias atuais, do projeto de bandas escolares, além das várias discussões sobre o campo de trabalho no meio musical.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista narrativa. Este tipo de entrevista revelou-se eficaz na coleta de dados, pois consistiu em uma forma mais livre de obter material para a pesquisa, visto que não seguiu um roteiro, possibilitando às regentes maior liberdade para se expressar e assim contar suas experiências, permitindo uma abordagem mais abrangente,

Uma alternativa para abordagem de mundos individuais de experiência através da abertura permitida pelas entrevistas semiestruturadas é aproveitar, como forma de dados, as narrativas que os entrevistados produzem. [...] As narrativas, por outro lado, permitem ao pesquisador abordar o mundo experimental do entrevistado, de modo mais abrangente, com a própria estruturação desse mundo. (FLICK, 2004, p. 109).

Após as entrevistas narrativas, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Com esta entrevista, conseguimos dados mais detalhados sobre determinados pontos mencionados na entrevista narrativa. A entrevista semiestruturada com o coordenador serviu para a caracterização do projeto de bandas. Desta forma, auxiliou no entendimento sobre o projeto desde a sua criação, seus objetivos, processo de contratação dos profissionais, quantidade de funcionários, quantidade de regentes homens e mulheres que estão inseridos no corpo do projeto. As duas regentes entrevistadas serão identificadas por Regente 1 (R1) e Regente 2 (R2). As entrevistas (narrativa e semiestruturada) foram gravadas e transcritas no padrão ortográfico e permitiram conhecer as histórias de vida musical das participantes, as

percepções das regentes sobre a função que exercem à frente da banda e os fatores que envolvem sua prática em regência. Portanto, os materiais foram analisados e confrontados com base na fundamentação teórica que enriqueceu a discussão, a reflexão e a compreensão do fenômeno estudado. Assim, essa comunicação apresenta e discute a mulher como participante do fazer musical e trechos das entrevistas com as regentes.

## **A mulher como participante do fazer musical: regência**

Diferentemente do período colonial e imperial, as mulheres atuais conquistaram posições e funções sociais antes impedidas por padrões e barreiras colocadas pela sociedade. Hoje vemos mulheres que lutam, estudam e ascendem a cargos tidos como “feitos para homem”. Com relação à participação da mulher na música, sabemos que é um assunto bastante complexo: a mulher de classe alta recebia educação e ensinamentos musicais para se apresentar em reuniões familiares, agradar aos convidados, a seu pai ou esposo (DINIZ, 1999). Percebemos que o campo de trabalho musical, entretanto, ficava mais propício ao homem, tornando o caminho mais difícil para as mulheres. Existem muitas mulheres inseridas nas orquestras e em diferentes grupos musicais; porém, à frente de bandas, é mais comum ver homens regendo, ao invés de mulheres. “A liderança dos grupos não se alternava, sendo o mestre, o principal 'detentor' do saber e o responsável pela escolha dos monitores, geralmente homens, mesmo em instrumentos com predominância de naipes femininos”. (MOREIRA, 2013, p. 67).

O autor, em seu texto, aborda as bandas que são formadas apenas por mulheres no Nordeste brasileiro, apresentando também uma lista de nomes de mulheres regentes de grupos musicais. Acreditamos que está havendo uma pequena mudança no cenário musical no que diz respeito à regência feminina de bandas. Desta forma, as bandas, que antes tinham um histórico exclusivamente masculino, transformam-se em um universo um pouco mais feminino, com regentes mulheres. Falar de regência feminina e não mencionar Chiquinha Gonzaga seria um grande erro, pois a maestrina e compositora foi e ainda é considerada um símbolo de resistência e força para a mulher conquistar seu espaço perante uma sociedade de costumes tradicionais, cheia de pudores e preconceitos. A educação das moças da alta

sociedade era oferecida em casa e era encarada com extrema seriedade no que diz respeito à obediência e ao cumprimento da função de esposa e mãe (DINIZ, 1999, p. 44).

A educação de Chiquinha Gonzaga não foi diferente, pois recebeu todos os ensinamentos que uma moça da alta classe social podia obter. A compositora, professora de piano e maestrina é um símbolo de força, pois lutou para que sua música fosse aceita de fato, assinada com seu nome e, para isso, rejeitou proposta de trabalho, pois não concordou em assinar suas músicas sob pseudônimo masculino. Não era bem vista aos olhos da sociedade elitizada por tocar nas noites cariocas, chegando a ser separada dos filhos pelo ex-esposo e por não ter condições de criá-los. Mas não mudou suas concepções em relação ao seu potencial e à sua condição de mulher que lutava pela ascensão na música. Interessante um trecho do livro que fala sobre essa rebeldia e essa vontade de ser livre para fazer suas músicas:

Esta mulher que desafiava o vernáculo era a mesma que abria alas para a música brasileira. [...] A marginalização social que passara a sofrer segregava-a da classe dominante, dos seus valores e padrões. A sua rebeldia como mulher, ao mesmo tempo em que a libertava, ajudava-a a libertar a música do país. (DINIZ, 1999, p. 111).

Assim como Chiquinha Gonzaga, muitas outras mulheres lutaram pelo seu espaço profissional e por reconhecimento de seu talento, profissionalismo e contribuições para a música. Atualmente existem algumas mulheres regentes de bandas marciais e essa questão de enfrentar padrões impostos pela sociedade ainda continua, de forma mais branda, porém ainda existente. Estas regentes atuam em campo socialmente estruturado de forma ainda machista, em uma sociedade convencional em que o diferente passa a ser considerado “desviante”. São *outsiders*, como Becker trata em seu texto: “Embora suas atividades estejam formalmente dentro da lei, sua cultura e o modo de vida são suficientemente extravagantes e não-convencionais para que eles [elas] sejam rotulados[/as] de outsiders pelos membros mais convencionais da comunidade” (BECKER, 2008, p. 89). Ou seja, as mulheres que exercem uma atividade diferente da imposta pela sociedade já são consideradas pessoas que estão fora do convencional; avaliem, então, uma mulher à frente de uma banda marcial.

Historicamente, a prática no instrumento piano, foi uma forma bastante decisiva para a inserção da mulher no campo de trabalho e lhe possibilitou ocupar cargos concedidos aos



homens. Foi a partir do instrumento que as musicistas passaram a ampliar seu espaço de trabalho na música:

[...] no século XX o piano permitiu as mulheres acessar carreiras tradicionalmente masculinas. [...] o conteúdo musical obtido no piano deu condições para que elas se arriscassem em modalidades de atuação até então preferencialmente masculinas, tais como: a composição, a regência e a musicologia. (CARVALHO, 2012, apud CARVALHO, 2014, p. 39).

Voltando o olhar para as bandas marciais, a presença da mulher nelas é mais forte no corpo coreográfico<sup>5</sup>, de modo que acreditamos que, de certa forma, isso influencia na questão da diminuição no número de musicistas e, conseqüentemente, na qualificação e formação musical, acarretando um déficit na regência feminina. É importante atentar para o estudo das mulheres na área de música, porque é a partir das práticas e formações musicais dessas mulheres em universidades, bandas e orquestras que surgem as regentes.

## **A inserção da mulher na função de regente de banda marcial na rede municipal de ensino de João Pessoa**

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres, infelizmente, ainda são encontradas hoje em dia, é bem verdade que com menos força. Para compreendermos alguns aspectos da função de regente de banda marcial, desde seu ingresso no projeto até sua atuação, vamos discutir alguns trechos das entrevistas. Assim, a R2 relata como foi seu ingresso:

*Eu fiz teste. Eu fiz duas provas. Fiz a primeira etapa, aí tem uma lista de espera e depois eu fiz uma segunda. Mesmo assim foi bem difícil, porque depois que eu passei, aí falaram que mulher não tem competência para ensinar banda marcial, aí foi bem difícil. Alegaram que eu não tinha competência de ensinar ou liderar a banda marcial e isso aí foi dito pelo coordenador. Fiz as provas, passei. Então eu tive que entrar com uma ação e fui para um advogado para requerer os meus direitos, porque eu fiz a prova, passei, mostrei que eu estava apta, que eu tinha sim competência. (R2-E2, 23/08/2019).*

---

<sup>5</sup> “Assim, o corpo coreográfico contempla um grupo específico de pessoas, [...], cuja função é executar coreografias para as peças musicais apresentadas pelo corpo musical”. (CORRÊA, 2016, p. 236).

A questão do preconceito e a falta de credibilidade para com as mulheres chegam a ser impressionantes em determinados casos. Podemos perceber as desigualdades sofridas pelas mulheres tanto na vida social como profissional desde tempos patriarcais,

Com a atribuição e a definição mecânica de papéis sociais e de espaços diferenciados para a atuação profissional, essa “Divisão Sexual do Trabalho” foi identificada e é levada a cabo até hoje, mas a entendemos não somente como um mero modo de separar as atividades entre homens e mulheres, mas também de classificá-las. (OLIVEIRA; SANTOS, 2010, p. 13).

E neste ponto é importante verificarmos que, assim como em épocas passadas, muitas mulheres têm seus direitos negados e, por conseguinte, são obrigadas a lutar por esses direitos na justiça. Logo podemos compreender que ainda ocorre uma opressão e, conseqüentemente, uma hierarquia e dominação masculina “O gênero é uma das dimensões fundamentais na construção das hierarquias sociais”. (AGUIAR, 2007, p. 85). Atualmente a contratação para a função de regente de banda marcial no projeto é através de análise curricular. Contudo, é necessário possuir formação acadêmica ou algum curso técnico em música. Foi desta forma que a R1 ingressou e assumiu o comando da banda marcial em uma escola.

*Assim que eu fui à escola, pedi para falar com a diretora. Aí a diretora já me olhou assim “Ah, é você a regente, né?”, Aí eu disse “Sim, sim sou eu”. Aí ela até falou que o antigo maestro era um homem, colocava ordem nas crianças, insinuando que eu também fizesse da mesma forma, né? Aí a partir daí, eu já vi esse meio que... preconceito. (R1-E2, 23/08/2019).*

*Sim, até quando eu cheguei à escola, até o ano passado, me chamavam de a menina do instrumento 2<sup>o</sup>. Eu disse “Não, porque não tratar como professora?”. Tratavam sempre: “Ah, menina do instrumento”. Eu disse: “Não, não é bem assim, não é menina do instrumento, é professora, é regente de banda”. Até porque tem que haver um respeito, porque quando foi um professor para escola, chamavam de professor: “Não, professor tal, o professor tal”. E depois que eu cheguei, mulher, foram me chamar de “a menina do instrumento”. Não veem a gente como uma profissional, que a gente estudou para aquilo ali, está preparada para aquilo e muitas vezes está*

---

<sup>6</sup> Os instrumentos que as regentes estudaram e estudam atualmente serão identificados com a palavra instrumento seguido do número, de acordo com a ordem de estudo desenvolvido pelas mesmas, evitando assim, informações que possam identificá-las.

*bem mais preparada que muitos homens. Bem mais preparada. (R2-E2, 23/08/2019).*

Interessante quando a Regente 1 fala que a direção pensou que ela não fosse ter pulso firme com as crianças, justamente por ser mulher, questão essa que vemos em (OLIVEIRA, 2012, p. 4), quando aborda que a mulher tem uma imagem de “sexo frágil”. Nos relatos das regentes, percebemos o preconceito e a falta de respeito para com elas mesmo com qualificação e capacidade para exercer a função. Enfrentam certos tipos de comentários impróprios, recebem apelidos como “a menina da banda” ou até mesmo “a menina da corneta”, e ainda recebem críticas. E para que as mulheres consigam realizar funções ditas “masculinas”, precisam estudar e se capacitar sempre. R1 discorre um pouco sobre isso:

*Eu acredito, na minha visão, que a gente tem que mostrar. Se a gente não mostrar o nosso trabalho, infelizmente vai ser só preconceito. [...] é um preconceito, entendeu? Então, na minha visão, a gente tem que estar buscando, estar com ações, tem que estar além do que os próprios homens [fazem]. A gente tem que estar sempre na ativa, sempre buscando coisas novas e mostrar mesmo o trabalho. Porque senão vai ser sempre preconceito. (R1-E2, 23/08/2019).*

Aos poucos, ao mostrar seu trabalho, a relação de confiança e a credibilidade vão se tornando mais frequentes: “E hoje a diretora já me vê de outra forma, porque viu que eu tinha a capacidade [de] estar lá com aquelas crianças”. (R1-E2, 23/08/2019). Em relação ao número de mulheres ser bem menor aos dos homens no campo da regência de bandas marciais, nas entrevistas as regentes comentam:

*Eu acredito que seja mais uma questão social do país onde vivemos, né? Porque o nosso país ainda é machista. E a mulher às vezes se sente menos diante da quantidade de homens que estão à frente das coisas, à frente de bandas, à frente de qualquer coisa que a gente possa ver. Na minha escola mesmo, na minha banda, eu só tenho três meninas; o restante não quer participar da banda, querem dançar. Aí a gente percebe que as meninas não têm aquele interesse de participar da banda, de pegar o instrumento, são poucas. Existem? Existem, mas são poucas. (R1-E2, 23/08/2019).*

*Eu acho mais que por preconceito. Até porque se entra uma menina para tocar um instrumento, “Não, não pode tocar um instrumento, porque tem que ser um homem, né?” E daí elas [se] interessam mais pela dança, porque... Eu acho que por a dança ser mais feminina, né? (R2-E2, 23/08/2019).*

De certa forma, pelo número pequeno de mulheres regentes, as pessoas se surpreendem ao assistir um desfile cívico e ver uma mulher como líder da banda.

*A reação delas é: “Olha, uma mulher à frente da banda”. Ficam tudo falando, né? “Olha para ali, uma mulher”. E para eles é muito novo, é uma surpresa realmente quando veem. Ainda hoje, infelizmente, é uma novidade para o pessoal que está ali, a gente estar regendo a banda. (R1-E2, 23/08/2019).*

*A reação do público é bem surpreendente, até porque esperam sempre que venha um maestro à frente [da banda]. E quando vê que é [uma] mulher, eu acho que eles até se perguntam: “Nossa, tem capacidade?”. É isso. (R2-E2, 23/08/2019).*

Contudo, é importante observar que, além de ter que enfrentar o preconceito, ainda surgem as dificuldades encontradas durante o desenvolvimento do trabalho:

*Há sim, uma dificuldade muito grande, porque muitas vezes a gente tem que tirar do nosso próprio bolso para comprar o material de reposição. Muitas vezes falam, dizem “Não, não está dando a aula certa, não está ensinando”. Se [pelo menos] saísse uma comissão e visse nas escolas o tipo de trabalho que a gente está realizando para poder falar... Que muitas vezes falam sem ter a certeza do que estão vendo. Fundamental 1<sup>7</sup> deveria ter um apoio maior, porque é um trabalho de base, é a base do menino. Então devia ter um apoio maior ao invés de dar mais apoio ao Fundamental 2. (R2-E2, 23/08/2019).*

*Antes de eu entrar nesse projeto, eu ouvia muito as pessoas que estavam no quadro falarem, dizer que não tem estrutura nenhuma. Não tinha instrumento suficiente para serem distribuídos nas escolas, tanto instrumento de sopro, como o instrumento de percussão, não tinha acessório, entendeu? Hoje, ainda existe esse déficit, mas com a ajuda do coordenador, procura uma, procura outras pessoas para ajudar, aí isso está melhorando. Não melhorou 100%, mas está melhorando. A estrutura, a gente não tem para poder atender a todos, a todas as escolas do município. (R1-E2, 23/08/2019).*

É preciso superar os obstáculos, romper padrões e conseqüentemente transformar as mentes de muitos que ainda não possuem uma visão ampliada com relação à colocação da mulher no campo de trabalho musical, na regência.

---

<sup>7</sup> O ensino fundamental 1 contempla os anos iniciais que são do 1º aos 5º anos e o fundamental 2 são os anos finais os quais vão do 6º aos 9º anos.

*Sim, é muito importante essa inserção da mulher na regência, porque é muito raro a gente ver mulheres estarem à frente de uma banda marcial, né? Não só de uma banda, de um coral também, de um pequeno grupo. É muito raro a gente ver mulher à frente de regência. Mas hoje a mulher está indo mais para esse ramo, para o ramo da regência. Antigamente, eu acredito que não tinha tanto, eu acho que a mulher não tinha muito essa visão de liderar um grupo. E hoje não, hoje já tem mais mulheres liderando um grupo. (R1-E2, 23/08/2019).*

*Eu acho que é bem importante mulher na regência. [para] Liderar um grupo tem que ter bastante autonomia. É... Conhecimento, conhecimento é essencial, inclusão também, né? A gente vê poucas mulheres e ainda tem certo preconceito com as mulheres à frente de grupos. (R2-E2, 23/08/2019).*

Através das entrevistas realizadas com as regentes participantes, foi possível conhecer o contexto que envolve a questão da mulher na regência de bandas marciais escolares na rede municipal de ensino de João Pessoa. Seus relatos revelaram suas histórias de vida musicais, seu percurso de participação em bandas escolares e o desafio de ocupar uma posição de “autoridade” em um contexto marcadamente masculino.

## **Considerações finais**

A mulher, nos dias atuais, está cada vez mais ocupando espaços e alcançando voos maiores. Com relação à participação delas na música e na regência, é perceptível o crescimento e desenvolvimento das atividades nesse campo de trabalho. Para a realização desta pesquisa foi necessário analisar a função da mulher na sociedade em diversos momentos da história do país e neste aspecto está inserida a questão do gênero e da dominação masculina que estrutura a sociedade. As entrevistas e os relatos das regentes trouxeram-nos a compreensão de como se dá o ingresso da mulher no projeto de bandas marciais na rede municipal de ensino de João Pessoa – que ocorre através de análise curricular com prioridade às que possuem formação superior –, a falta de material, as dificuldades enfrentadas no dia a dia, além de mencionar manifestações de preconceito.

Esta pesquisa teve suas limitações no que se refere à quantidade de participantes, pelo pequeno número de mulheres regentes presentes no projeto. Apesar disso, acreditamos que este estudo possa contribuir para a área de pesquisa em educação musical, sendo mais uma referência para que o assunto exposto seja mais discutido.



Consideramos que este estudo é apenas o início de uma discussão que será mais aprofundada em outros trabalhos que tratem dos direitos da mulher como cidadã e como profissional. Afinal, em suas narrativas, as duas regentes mostraram como se tornaram capazes de desempenhar um papel historicamente designado para homens, num ambiente musical ainda predominantemente masculino.

Assim, apesar de estarmos em constantes transformações na questão da aceitação do indivíduo, da participação da mulher no mercado de trabalho e com todas as discussões que envolvem salários, status e posição social, ainda vemos preconceitos relacionados a determinados temas, inclusive no campo musical.

## Referências

ADAM, Diego Coelho. A prática de banda como instrumento de educação musical na sala de aula. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, XXIII, 2017, Manaus. Revista da Abem, 2017. p. 1-9.

AGUIAR, Márcio Mucedula. A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade. *Cadernos de pesquisas do CDHIS*, [S.l.], ano 20, n. 36/37, p. 83-88, 2007.

BECKER, Howard S. *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Tradução: Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARVALHO, Dalila Vasconcelos. Helza Camêu (1903-1995) e Joanídia Sodré (1903-1975): a construção “feminina” de carreiras “masculinas” no universo musical erudito brasileiro. *Dossiês expressões artísticas e mulheres*. Arquivo do CMD [S.l.], v.2, n.2, p. 38-63, jul/dez. 2014.

CORRÊA, Elizeu de Miranda. *Linhas de frente das bandas marciais de São Paulo: memórias, tensões e negociações (1957-2000)*. 2015. Tese (Doutorado em História social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo. 2016.

DINIZ, Edinha. *Chiquinha Gonzaga: uma história de vida*. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

FLICK, Uwe. As narrativas como dados. In: FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 109-123.

MOREIRA, Marcos dos Santos. Bandas de música e gênero: uma busca da ativa participação da mulher nordestina. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v.4,



n.2, p. 66-76, ago./dez. 2013. Disponível em:  
<[https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/3216/pdf\\_76](https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/3216/pdf_76)>. Acesso em: 18 jul. 2019.

NÓBREGA, Matheus Lopes Costa. *A cidade das bandas: o projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa*. 2018. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2018. Disponível em:  
<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13099/1/Arquivototal.pdf>>.  
Acesso em: 05 ago. 2019.

OLIVEIRA, Ana Carla Menezes de. A evolução da mulher no Brasil do período da colônia a república. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL, VI, 2012, São Cristovão/ SE. *Anais*. [...]. Sergipe: 2012. p. 1-16.

OLIVEIRA, Leidiane; SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. *Revista Katál*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-19, 2010.

PENNA, Maura; MENDES, Eliane; BRITO, Alan Araújo; LINHARES, Ian Bandeira; BARROS, Olga Renali; PEREIRA, Raquel Dantas Gomes. O programa mais educação e a banda escolar: a atualização de uma tradição. *Plures Humanidades*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 40-59, 2016. Disponível em: <<http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/245/170>>.  
Acesso em: 14 ago. 2019.

